

ESPACIALIDADES JUVENIS: A CIDADE COMO ESPAÇO POLÍTICO NO CONTEXTO DAS JUVENTUDES FORMOSENSES

Mauricio Barbosa Carneiro ¹
Maria Lídia Bueno Fernandes ²

RESUMO

A discussão proposta parte da análise da categoria juventude em que se busca realizar a interlocução da cidade como espaço de manifestação das espacialidades juvenis com a condição juvenil neste espaço. Na pesquisa interessava saber como os jovens experimentavam a cidade pelo viés da ação política tendo como marcador fundamental, a ação das juventudes nos espaços políticos da cidade. O objetivo do artigo é o de pensar a cidade na ação dos jovens, na produção espacial que estes estabelecem como cidadãos neste mesmo espaço. Foi possível observar o quanto a ação política dos jovens tornou-se um ponto de inflexão em suas vidas em múltiplos aspectos, inclusive na luta por conquistar seus próprios anseios. Apontamos que as espacialidades dos jovens não é uma tema que interessa politicamente a organização da cidade. Para tanto, realizou-se a revisão bibliográfica acerca do tema, ademais, o texto se ancora em diferentes abordagens e autores, em dada perspectiva interdisciplinar, em especial, pautada em referenciais da área da Geografia e Sociologia.

Palavras-chave: Juventudes, Cidades, Espacialidades, Ação política, Cotidiano.

RESUMEN

La discusión propuesta se basa en un análisis de la categoría de juventud en la que se busca realizar la la ciudad como espacio donde se manifiestan las espacialidades juveniles con la condición de los jóvenes en este espacio. La investigación se interesó en cómo los jóvenes vivían la ciudad a través de la lente de la acción política, siendo el marcador fundamental la acción de los jóvenes en los espacios políticos de la ciudad. El objetivo del artículo es pensar la ciudad en las acciones de los jóvenes, en la producción espacial que establecen como ciudadanos en este mismo espacio. Fue posible observar cómo la acción política de los jóvenes se ha convertido en un punto de inflexión en sus vidas en múltiples aspectos, incluyendo la lucha por conquistar sus propios deseos. Señalamos que las espacialidades juveniles no son un tema de interés político para la organización de la ciudad. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica sobre el tema, y el texto se ancla en diferentes enfoques y autores, desde una perspectiva interdisciplinar, especialmente a partir de referencias de los campos de la Geografía y la Sociología..

Palabras clave: Juventud, Ciudades, Espacialidad, Acción política, Vida cotidiana.

¹ Doutorando do Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília- PPGE/FE/UnB, mauricio.carneiro@aluno.unb.br;

² Professora Doutora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB, lidia_f@uol.com.br;

Entendemos que as espacialidades dos jovens diz muito sobre como eles se organizam social e politicamente. Por isso esse entendimento da cidade como espaço político pretende pensar a cidade na ação dos jovens, na produção espacial que estes estabelecem como cidadãos neste mesmo espaço. Entender como os jovens lutam, defendem, e acionam a suas ações sobre esse espaço na constituição da sua cidadania.

Trata-se portanto de uma pesquisa empírica feita com jovens do 2º ano do ensino médio de uma escola estadual em Formosa com objetivo de levantar informações sobre o que pensam tais jovens sobre a cidade de Formosa-Go, como desejam ter suas ações vistas e suas demandas levadas a sério, como exercem sua cidadania na luta por seus anseios. Para isso foram realizados encontros periódicos em que os jovens eram convidados a refletirem suas vivências espaciais e políticas na cidade em rodas de conversas. Na pesquisa interessava saber como os jovens experimentavam a cidade pelo viés da ação política tendo como marcador fundamental, a ação das juventudes nos espaços políticos da cidade. Foi possível observar o quanto a ação política dos jovens tornou-se um ponto de inflexão em suas vidas em múltiplos aspectos, inclusive na luta por conquistar seus próprios anseios.

Teoricamente a pesquisa se assenta na análise do espaço e as geometrias do poder nele dispostos a partir de MASSEY (2008). Traz também a compreensão da cidadania tendo o espaço geográfico como categoria de análise em SANTOS(2007). Na perspectiva dos estudos das juventudes assenta-se essa análise nos trabalhos desenvolvidos por DAYRELL(2003), PAIS (2003), CARRANO (2011), CATANI e GILIOLI (2008) e CASSAB (2009). O que há em comum nesses estudos é que o tema das Juventudes carregam uma heterogeneidade conceitual, assim como se consideram múltiplas as juventudes que se relacionam com os espaços das cidades e com o movimento de produção desses espaços. Se as juventudes são múltiplas como estabelecem ações concretas na luta por uma cidade que considera suas heterogeneidades?

Sendo sujeitos ativos e participantes do mundo os jovens devem ter seus anseios, experiências e de tomada de decisões em constante ligação com a sociedade urbana que faz parte, dando-lhe “intencionalidade em suas práticas no/pelo/sobre o mundo”(CASSAB, 2021, p.241).

Consideramos o jovem na cidade, como sujeito ativo e político, portador de ações e intencionalidades e detentor de conhecimentos capazes de produzir e modificar o espaço,

sujeito que tem sua vida cotidianamente confrontada pelos mecanismos desiguais de (re)produção do espaço, muitos dos quais incidem mais fortemente sobre eles (CASSAB, 2021). Nessa perspectiva do jovem como sujeito na cidade consideramos como objetivos para a construção desse artigo: refletir sobre a ação dos jovens em seus espaços, considerando a maneira como os mesmos agem sobre a cidade na manifestação das suas vivências/experiências. Entender como e porquê as espacialidades dos jovens corroboram para a construção da cidadania, e para a luta por espaços que sejam de todos.

Os resultados apontados pelas discussões estruturadas nas rodas de conversas atestam os jovens como sujeitos social e politicamente vinculados ao seu espaço. Nestes demarcam não somente as identidades, mas ressignificam os usos que se fazem dos espaços na/com a cidade. Tornam-se agentes da transformação ao construir ações coletivas de pertencimento, desejos e mudanças para que suas invisibilidades ganhem outros contextos como a ação política. Veem a escola como espaço da diversidade e da transformação socioespacial.

O artigo segue a seguinte estruturação. A introdução foi destinada a apresentação geral sobre a temática, os objetivos, justificativa e os elementos que motivaram o desenvolvimento dessa pesquisa. A segunda seção foi dedicada a discussão teórica sobre as ações coletivas das juventudes, enfatizando suas principais características e o envolvimento com os espaços na/com a cidade. A terceira seção se deteve na apresentação da realidade investigada, focalizando as particularidades geográficas do espaço político e social formosense. A quarta seção destina-se a leitura da atuação das espacialidades das juventudes na cidade de Formosa-GO, considerando as estratégias de uso e ocupação dos espaços públicos e da ressignificação dos mesmos.

METODOLOGIA

Como forma de confrontar as espacialidades dos jovens na cidade de Formosa-GO com a ação desses sujeitos na cidade optamos por refletir sobre o viés político através da roda de conversa. Ela se configura qualitativamente como uma metodologia que se assenta na partilha reflexiva sobre temas que estiveram relacionadas a ação política dos jovens na cidade e suas espacialidades considerando a construção coletiva que esses sujeitos estabelecem no seu pedaço e as experiências advindas dele. Possibilita ainda que o aprendizado seja coletivo e as reflexões compartilhadas considerando suas experiências e vivências.

Para Lisbôa (2020, p. 169),

Enquanto características metodológicas das rodas sobressaem-se sua potencialidade agregadora e a garantia de participação democrática dos integrantes por, pelo menos, dois motivos básicos: a não hierarquização dos participantes, já que a fala franqueada

a todos e a necessidade imperativa de que todos participem, de forma que isso fique claro e evidente.

Em nossa pesquisa foram realizadas 5 rodas de conversas com 10 jovens. A escolha teve por critério a demarcação da diversidade de gênero, raça e condição social, como possibilidade de trazer para a escola um reflexo da multiplicidade que envolve os estudos sobre a juventudes e como essa diversidade própria da escola e da sociedade que faz parte chegam a um discurso sobre os temas que foram debatidos nos cinco encontros.

A cada encontro eram definidos os temas a serem discutidos e refletidos no grupo, considerando o caráter político que as juventudes estabelecem na/com a cidade resultando em diálogos coletivos, sobre as distintas experiências espaciais que tiveram com/na/pela cidade. Sendo assim, os jovens foram convidados a, reunidos na roda, refletirem sobre seu caráter cidadão em espacialidades marcadas por experiências de desigualdades, diferenças cotidianas, preconceitos territorializados. A intenção era apreender os sentidos atribuídos por essas juventudes às situações em que se exigiam maior participação e ação política.

Nesse sentido, as discussões das cinco rodas de conversa foram:

- I- Cidade e cidadania – participação política e luta de classes;
- II – Escola como espaço de aprendizagens coletivas;
- III- As minhas experiências cotidianas em viver na/com a cidade;
- IV-As manifestações política da juventude formosense;
- V- Movimentos e diálogos para novas abordagens das juventudes na cidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Estamos considerando as juventudes como expressão de uma identidade social e política sobre o espaço. E nesse sentido tal expressão é sempre confrontadora, pois esbara na percepção de discursos que ecoam na cidade, de juventudes neutras, invisibilizadas e pouco atuantes. Partimos de uma definição de juventudes que não estão presas a um conceito, tão pouco a uma questão etária. Há nesse artigo a definição de juventudes como construção social (PAIS, 2003), ou seja, para além um bloco único, reconhecemos a existencia de múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções na sociedade.

As juventudes tornam-se expressão de um conjunto social que possuem os atributos sociais que os diferenciam uns dos outros. Ou seja há diferentes formas e maneiras de manifestação das juventudes, assim como há diferentes formas e maneiras de buscar compreender as espacialidades desses jovens em seus territórios. Margullis e Urresti(1996)

pressupõe ser necessário considerar nos estudos das juventudes, as determinações históricas, materiais e políticas inerentes a toda e qualquer produção social. Por isso, ao conhecermos as juventudes e suas espacialidades podemos também compreender que a esses processos sociais se somam outros, marcados pelos seus comportamentos, gostos, opções de vida, esperanças e desesperanças (Minayo, 1999).

Com base nesses postulados, compreendemos que as juventudes transformam o seu espaço, mas sofrem os efeitos de uma sociedade construída pelo consumo, marcadas pela desigualdade, cujo traço principal passa ser para esses jovens, a ideia de pertencimento. Arraizados pelas frustrações do pertencer ao que não é, do ter o que não possui, acabam por transitar no seio de uma arquitetura social centrada no acirramento das diferenças (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2007). Daí acrescentarmos que as suas vivências, seus cotidianos, seu transitar na cidade também são reflexos dessas diferenças sociais.

São esses elementos próprios do ser, manifestados nas suas identidades que nos permite confrontar o modelo social vigente e suas transformações. E se as juventudes não são modelos definidos e a sociedade que a ela se apresenta é, estabelece-se o primeiro embate: entre uma relação de um eu-identidade com a identidade-nós dos indivíduos.

Para Elias (1994) é esse embate que nos permite levar a discussão de uma centralidade única dos indivíduos como se concebêssemos enquanto sociedade um eu destituído de um nós. Segundo Elias (1994, p.45):

Toda a maneira como o indivíduo se vê e se conduz em suas relações com os outros depende da estrutura da associação ou associações a respeito das quais ele aprende a dizer nós. A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos.

As juventudes como construção social está interligada, integrada a sociedade. E, portanto, ao pensar a dimensão do nós dos sujeitos sociais, estamos em redes articulando ideias e construindo possibilidades outras de pensar o espaço e nossas espacialidades. Do ponto de vista político é uma análise que se coaduna com a dimensão da coletividade, dos grupos e dos sujeitos sociais.

A grande questão que trazemos é: a interligação dos sujeitos sociais, das suas juventudes espacializadas encontra integração com a cidade? Por isso, propomos que a cidade possa ser uma construção social dos indivíduos, das quais as juventudes estão integradas. Isto é também um ato de ser/estar na/com a cidade, um espaço do cidadão. E é nesse espaço que concretamente as juventudes se apresentam, se mostram e exercem as suas intencionalidades. Para Simão (2014, p.12) a cidade é o espaço da multiplicidade. Nela se manifestam,

confrontam-se e se reconhecem diferentes juventudes. Ao mesmo tempo é também nela que se pode anular, apagar ou invisibilizar tantos modos distintos de ser e de fazer juventude, algo que talvez as tipologias usuais não consigam captar

Diversos, diferentes e desiguais, em seu viver em sociedade os jovens vão trilhando caminhos que os proporcionam experiências distintas na cidade, e nesse percurso criam uma série de iniciativas para fruir, aparecer, falar de si, confrontar a ordem estabelecida e o lugar que os é reservado. Para Dayrell (2003, p.43-44) cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito, um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém.

E mais uma vez ao pensar nesses sujeitos que estão sobre um espaço, marcado por contradições, muitas vezes expostos dentro da sua própria casa há uma exclusão social, econômica e política, encontra no espaço das ruas, das praças, na escola a forma de ser visto e ouvido. As juventudes circulam pela cidade. E nesse caminhar carregam consigo outros nós marcados pelo desejo da transformação do que vivenciam no seu cotidiano.

Por isso quando preconizamos a cidade como espaço político, reafirmamos a necessidade de através das espacialidades das juventudes re(construir) outras possibilidades de pensar os espaços de circulação e usos, de voltar-se a dimensão das identidades socialmente integradas aos contextos de vivência/experiência no/com o espaço (CASSAB, 2021, p.241). Reafirmamos a necessidade de compreender pelo espaço e com as juventudes.

Para DA MATTA (1997, p.55), não podemos ver a ligação do homem com o espaço como algo meramente instrumental, ou funcional, mas como uma relação cultural e reflexiva. Ou seja não se pode pensar na cidade apenas como elemento de acesso aos serviços que ela preconiza, ou de vivência nos espaços das ruas, das casas, das praças, ela assume com os sujeitos outra dimensão que se relaciona ao conhecer para além da servidão (Souza, 2021, p 48).

E nesse caso o espaço é sempre uma reflexão dos sujeitos da qual a imagem da cidade está sempre em questionamento, tensionamento e de onde as práticas juvenis assumem uma natureza fragmentada, o que acaba por promover ou produzir na cidade outras formas de experimentação (Canevacci, 2005, p.61).

Segundo Cavalcanti (2013, p. 80) os jovens são “[...] agentes do processo de produção e reprodução do espaço urbano, pois em seu cotidiano fazem parte dos fluxos, dos deslocamentos, da construção de territórios; criam demandas; compõem paisagens; imprimem

identidades e dão movimento aos lugares”. Trazem expressos no seu contexto social a marca de uma ação política, e, portanto, cidadã.

DE ONDE FALA AS JUVENTUDES FORMOSENSES

Como elemento de atuação das juventudes na cidade de Formosa-GO, demarcamos como importante elemento de discurso a sua geolocalização. A cidade de Formosa-GO é um dos municípios do Estado de Goiás, integrado a região do leste goiano, e pela proximidade com a capital federal também faz parte da chamada RIDE – Região de Integração do entorno do Distrito Federal. Tem entre suas divisas o próprio Distrito Federal e os estados de Minas Gerais. Situa-se a 80 quilômetros de Brasília, e a 282 quilômetros de Goiânia. A população do município de Formosa, segundo censo de 2021 do IBGE, é de 125.705 habitantes.

Entre as características dos município está a forte atratividade que Brasília exerce sobre a região e os investimentos na estrutura agropecuária. Nesse sentido, importa ressaltar que essa proximidade geográfica entre o Distrito Federal e o Goiás exerce uma atratividade cultural, econômica e social entre os jovens. Muitos desejam fazer esse processo migratório na busca por oportunidades e crescimento pessoal. A maior parte dos jovens sempre consideram a cidade como algo que precisa de melhorias ao qual relutam em firmar no lugar a transformação que almejam.

Cabe nesse quesito, irmos aos resultado e discussões, porque encontramos neles, não somente o concreto manifestado pelos jovens em seus anseios da expressividade política, mas sobretudo a ideia que as juventudes heterogêneas estão nos espaços querendo ser vistas, ouvidas e entendidas. Esse é o movimento das juventudes do não isolamento, da não etariedade, é a representação de que na cidade, na escola ou na rua elas se articulam e tornam-se, conforme, já afirmamos anteriormente, expressões políticas da práxis cotidiana, das suas espacialidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Concordamos que as categorias centrais elencadas nessa análise, qual seja, JUVENTUDES e CIDADES, sofrem processos de atravessamentos que precisam ser objeto de análise, inclusive de outras pesquisas. O que pretendemos dizer é que a cidade carrega todo um movimento social, político, econômico e cultural que muitas das vezes distoam das juventudes diversas, socioespaciaizadas que habitam esse espaço. E que, nesse sentido, ao pensar sobre o viés político da cidade não se pode deixar de mensurar outros elementos que há ele se associam.

A pergunta que abrimos esse resultado é pensar se a cidade é de todos? Aqui queremos dizer que a produção e reprodução do espaço feita pelos sujeitos e aqui nesse caso, jovens estudantes do ensino médio de uma escola estadual em Formosa-Go, diz muito sobre como pensam, agem e constroem sua cidadania sobre esse espaço.

Ao aprofundarmos as reflexões trazidas por essa juventude escolar feita em diversos espaços da escola queríamos primeiro demarcar que os sujeitos que ocupam o espaço são construtores e reprodutores do mesmo e não há neutralidade no processo, nossas ações são sim políticas e definidoras de cidadanias.

Os resultados provam ainda haver muita hierarquiação dentro do ambiente escolar, que determinados espaços parecem ainda intocáveis, cheio de regras pré-definidas de não usos e não circulação. Os muros ainda se fecham no ambiente escolar para juventudes que precisam ser abertas, conectadas e autonômas. Os resultados atestam, portanto, uma necessidade de pertencimento ao espaço, de quebra necessária e urgente de desigualdades, de maior envolvimento político nas decisões a serem tomadas pelos representantes do povo e uma maior organização representativa das juventudes como instância de diálogo e luta por seus anseios.

As discussões (análises) geradas a partir dos resultados das rodas de conversas demonstram que as juventudes possuem espacialidades que não são consideradas em seus espaços/tempos e que a cidadania ainda é uma luta política necessária do seio familiar à instâncias governamentais da cidade.

O tema da da cidadania foi inclusive a abertura da primeira roda de conversa, propostalmente, porque havia intencionalidades de esmiuçar pelas falas e intervenções o que essas juventudes escolares pensavam sobre a cidade onde estão, e como participavam efetivamente dessa cidade do ponto de vista político. Nesse ponto, a primeira fala que tivemos na roda foi do estudante Px. Transcrevo na literalidade sua intervenção:

Acho que na moral a cidade de Formosa teve muitos avanços e tal, mas ainda tem muitas paradas que precisam tá melhor. Diria que na minha quebrada os jovens ainda são vistos como bandidos porque usam uma roupa daquele jeito, tem determinadas gírias. Acho que a muita treta no sentido de ainda não nos entendermos, e por isso, penso que talvez essa cidade ainda tem que nos ouvir bastante. E essa parada de cidadania, porque entendo cidadania como forma de expressão daquilo que sou na minha rua, no meu território, ainda está bem defasada. É como se falasse de cidadania que precisa ser conquistada. Pô os jovens daquela quebra tem mais coisas, daquela outra falta por exemplo uma pista de skate, um campo de futebol. Parece que estamos falando de cidades diferentes dentro do nossa própria rua (Px, 15 anos).

Pw por sua vez responde:

Essa parada de cidadania é muito séria. Porque acho que até mesmo na escola, ainda precisamos avançar na discussão. Acho que a galera tá muito ligada numa questão de

cidadania como busca por seus direitos assim. Hoje, pelo que vivo diariamente, pelas muitas faltas que tenho, relacionadas a alimentos, vestuário, a gente meio que fica se comparando ao outro. Acho que ainda numa perspectiva de conquista a cidadania é mais que isso. Talvez o entendimento dos nossos espaços nos leve a compreendê-la como mais que uma palavra, acho que ela é ação. Quando o colega coloca a questão das diferenças nos nossos territórios, é preciso que sejamos mais unidos por uma luta que cabe a todos nós. Por isso a parada é política também sacou. Não sou só eu ou meus colegas, é de todo mundo (Pw, 15 anos).

As falas dos jovens dialogam a ideia de um pertencimento espacial e territorial na ação dos sujeitos. Para eles a cidadania é mais que a expressão de um direito, torna-se e se concretiza na luta coletiva. Compreendemos que há nas duas falas uma demonstração de uma juventude que não se isola, não se martiriza por sua condição social e econômica, elas são expressões de movimentos coletivos de articulação, da luta de classes. Envolve vários outros que estão no mesmo território. Querem e desejam uma cidade que os tornem visíveis e ativos.

No tema II – “Escola como espaço de aprendizagens coletivas” queríamos muito pensar as juventudes escolares articuladas socioespacialmente aos seus territórios. A Escola como espaço de aprendizagens que podem contribuir para construção de cidadanias coletivas e suas ações. As discussões, por sua vez reafirmaram ainda existir uma escola centrada em conteúdos escolares. Afirmaram existir uma escola que prepara os estudantes para o desafio do aprendizado, mas a ausência de uma escola que traz o cotidiano e as experiências de ser jovem para este espaço. Esta foi o posicionamento da estudante Mx.

Penso que a escola é a extensão da minha casa. Mas não me sinto tão bem acolhido como sou lá. Acho que ainda temos uma visão de escola de apenas conteúdos e conteúdos e conteúdos. E não acho que deva ser assim. Poderíamos pensar na construção de uma escola que trouxesse o meu espaço para esse ambiente, que pudesse apresentar as diferenças sociais, que mostrasse de fato a realidade da minha cidade. Uma vez o professor Rx de sociologia convidou um morador de rua, um vereador e um presidente de associação de bairro para debater sobre o espaço da cidade. Foi a aula mais incrível, porque não era sobre ensinar matérias, era sobre vivenciá-las, ter experiências com os sujeitos que estão nesse espaço. E a escola precisa voltar a ser esse espaço da coletividade, onde o diálogo, o debate, os posicionamentos contrários nos constitui enquanto cidadão. A Escola é o sonho do jovem, porque é aqui neste espaço que encontramos parcerias e realizamos futuramente nossos sonhos. Por isso ela precisa estar coenunciada aos estudantes e aos seus anseios (Rx, 16 anos).

Os temas III- As minhas experiências cotidianas em viver na/com a cidade e IV- As manifestações política da juventude formosense, trouxeram para a construção do artigo a urgente contestação da ausência da cidade para/com as juventudes. Para melhor elucidar, um apagão das juventudes e suas manifestações na/com a cidade. Ser jovem na cidade é um espaço de luta, diálogo, um espaço de encontros/desencontros, igualdades/desigualdades. Dois estudantes trouxeram nas suas falas, a força das juventudes quando entendidas e associadas a

coletividade, que os representa. Bx coloca que as juventudes se fazem presentes na cidade sim.

Eles ocupam espaço, reestilizam outros, dão identidades aos lugares e territórios.

A gente se constituiu num movimento que não é só meu mas é de todos nós. Aqui nessa roda tem muita diversidade e assim também somos nós. Nós vamos para a praça expressar o que queremos porque queremos sim ser vistos e ouvidos. As vezes nós vamos pinchar algo como forma de protesto e manifestação. A galera não nos vê na rua, mas a gente circula. Nós fazemos o movimento de dar vida a esses espaços. Por outro lado, e isso é muito cruel, somos taxados como loucos, as vezes bandidos, mal encarados, bando de sem o que fazer. A sociedade não nos identifica como expressão. Por isso estamos a todo o tempo buscando uma coletividade, um grupo que nos representa e nos dê força (Bx, 17 anos).

Entendemos que as espacialidades são vivências/experiências dos sujeitos no habitar, usar, reconstruir essa cidade. Dito de outra forma, a cidade se constitui nos sujeitos que habitam, experienciam e vivenciam. Portanto, o diálogo dessa roda de conversa atestou a construção de uma cidade pensada/organizada para o capital e uma outra ausência da cidade pensada/organizada para as experiências cotidianas e as manifestações políticas.

Sobre o tema da IV roda de conversa – As manifestações políticas das juventudes formosenses, a estudantes Mv e Pk se posicionaram da seguinte forma:

Nossa expressão política se dá pelos nossos posicionamentos, inclusive aqui dentro da própria escola. Ela está na nossa forma de se vestir, falar, debater. Nossa expressão política é coletiva quando por exemplo vamos para as praças ou as ruas manifestar nossas ideias. Por isso esse discurso que a gente é um pouco doido, estamos brincando, não cola muito bem. Queremos que outros vejam essa ação, que participem enquanto coletividade de um movimento de mudança da política em Formosa. Precisamos nos representar melhor e assim ser mais ativo politicamente (MV, 19 anos).

Outro dia estava na praça da prefeitura aqui e estava tendo uma feira e tinha muitos jovens que tinham boas condições e nós do gueto tava ali junto com eles. Acho que devemos tirar um pouco a carga da diferença social um pouco. Não tenho muito, mas os caras tem e nem por isso vou entrar numa jogada apenas de um discurso econômico. Meu movimento é político de acreditar que posso me manifestar frente a eles e eles a mim. Quero que eles coloquem suas posições e enquanto sujeito político eu possa manifestar as minhas (Pk, 19 anos).

Na quinta roda de conversa a temática da ação para pensar outras juventudes formosenses denotou a importância de eleger o tema “ movimentos e diálogos para novas abordagens das juventudes na cidade” para busca de outras demarcações que ora considera os sujeitos em movimento e ação sobre o espaço. E assim, pensar em espacialidades juvenis que se organizam politicamente na luta pelas distopias que experienciam/vivenciam na cidade.

Nesse sentido aos estudantes foram apresentados o desafio de trazer fotos tiradas dos espaços da cidade que pudessem de alguma forma tornar-se expressão da temática da roda. E assim os estudantes Nv e Nx trouxeram as seguintes contribuições.



Figura 01- Montagem os jovens em movimento coletivo



Fonte- Acervo da estudante Nk, 2023

Ao associar a imagem apresentada na figura 1 a temática da roda de conversa a estudante definiu como importante a dimensão do movimento. As juventudes se movimentam no espaço expressando suas espacialidades, definindo suas identidades e construindo assim o seu agir espacial. Nesse sentido, a estudante quis apresentar a ideia de uma coletividade em grupo, da qual a juventude se associa. E mais ainda, se estamos a pensar na/com a cidade como expressão política da manifestação desses jovens há nessa construção uma identificação que se expressa pelo uso que fazemos dos espaços, mas também na forma coletiva de construção dele.

Os jovens possuem os sentidos ‘aguçados’ ao perceber e retratar a cidade. Eles a observam além de seus traçados, do ritmo frenético e das grandes construções. A cidade é lida e reapropriada, produzindo sentido. Cavalcanti (2013) entende que a cidade é um espaço público e um complexo da vida coletiva, em que é possível,

[...] compreender o modo como os jovens percebem os lugares/locais da cidade, como tem se relacionado no cotidiano com eles, como em suas ações rotineiras e cotidianas tem assumido locais da cidade como seus lugares e como tem deles se apropriado e produzido território (CAVALCANTI, 2013, p. 78).

A estudante Nx por sua vez, quis corroborar com a temática da roda por uma outra forma muito comum de uso dos espaços pela cidade demarcado pela expressão do corpo, da voz e da rima -as chamadas batalhas de rima. Nesse grupo eles se desfaiam espontaneamente a expressar pelas palavras o seu agir espacial. É um movimento portanto, de diálogo político, de jovens políticos na/com a cidade.



Figura 02- O jovem político na/com a cidade



Fonte- Acervo da estudante Nx, 2023

Interessa-nos a diversidade manifestada pelas juventudes. E como estas se sobrepõem a estigmas que inclusive a própria sociedade constrói. Os jovens acolhe a diversidade e demonstram nas suas caras, no seu corpo e no seu território essas diferenças. Quando a estudante traz a batalha de rima ela quer demonstrar um dos movimentos políticos concreto dessas juventudes. E mais uma vez reafirmamos que essas juventudes estão na cidade, circulando, no movimento constante de transformação espacial. De onde muitas outras leituras poderiam ser pensadas, de onde as espacialidades manifestadas na/com a cidade traduzem a força, a expressão e o movimento coletivo e político desses jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rodas de conversa constituíram-se como um espaço de troca de experiências, a partir do diálogo reflexivo entre os jovens, a escola e a cidade através temáticas propostas por eles, atravessadas pela dimensão da cidadania, das aprendizagens coletivas, das experiências cotidianas, do movimento e da circulação dessas juventudes e da manifestação política expressa por eles. Foi oportunizando acolhimento e conscientização de dificuldades que puderam ser

partilhadas, favorecendo novas significações para as vivências. Esses encontros possibilitaram consciência dos problemas enfrentados, clarificação dos temas trabalhados, reflexão sobre possibilidades de resolução de problemas e da necessidade urgente de pensar as juventudes especializadas com outras temáticas.

Constatamos uma ausência da cidade para as juventudes quando se propõe a pensá-la politicamente. Ela reside no fato de que essa cidade não está organizada a ponto de considerar os sujeitos jovens, suas vivências/experiências sobre este espaço. Apontamos que as espacialidades dos jovens não é uma tema que interessa politicamente a organização da cidade. É preciso muita organização coletiva das juventudes, considerando a multiplicidade que o conceito representa e sua força política.

Cabe portanto, a escola, aos movimentos sociais, lutar por uma cidade de todos, onde se manifestam coletivamente as diferenças, mas também se constrói um habitar e um uso mais justo e equilibrado dos espaços. É preciso ainda avançarmos em pesquisas que tragam a força das juventudes como instância de organização política e de construção de cidadanias urgentes de juventudes que possui uma carga histórica e experiências, as quais se concebem com base em um processo contínuo de transformações individuais e coletivas.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Ministério da Educação (MEC), 2007.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas extremas** – mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005.

CATANI, A.M.; GILIOLI, R. de S.P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista teias**, v. 12, n. 26, p. 16, 2011.

CASSAB, C. construir utopias: jovem, cidade e política. 2009. Tese de Doutorado. **Tese** (Doutorado em Geografia)–Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense.

CASSAB, Clarice. “Cidade estranha, sabes que existo?” O jovem como sujeito e a cidade que ensina. In: FERNANDES, Maria Lidia Bueno; LOPES, Jader Janer Moreira; TEBET, Gabriela Guarnieri de C. (Org.). **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias**. 1 ed. Brasília: Editora da UnB, v. 1., 2021.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

DA MATTA, Roberto. A casa e a rua. Rio de Janeiro: **Rocco**, v. 5, 1997.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Zahar, 1994.

LISBÔA, Flávia. Marinho. (2020). **Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade**. *História Oral*, 23(1), 161–182.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. La Juventud es Más que una Palabra. Buenos Aires: **Biblos**, 1996.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Bertrand Brasil, 2008.

MINAYO, M.C.S. et al. Fala Galera: juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro: **Garamond**, 1999.

PAIS, J.M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2003.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. Edusp, 2007.

SIMÃO, Mário Pires. Dos espaços de identidade aos espaços de visibilidade. **Revista Juventude e Políticas Públicas**, v. 1, n. 1, 2014.

XV
ENAN
PEGE



ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

SOUZA, Lillian Aparecida De. . **Anais do XIV ENANPEGE...** Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78436>>. Acesso em: 06/11/2023 18:43